

AS LABAREDAS DA MEMÓRIA

Paulo José Cunha

“Morro de vontade de entrar aí”. “Ué, então vamos parar e pedir pra entrar”, incentivou o Múcio Montandon, parceirinho de várias aventuras, um dos mais experientes cinegrafistas de Brasília. Entramos. Era início dos anos 90 e a matéria que tínhamos saído para fazer havia “caído”, jargão que usamos para as reportagens que não dão certo. Livres, sem outra pauta a cumprir, não tínhamos por que nos apressar. Nem por isso, como preceituava nosso código particular, devíamos voltar de mãos abanando para a redação. Haveríamos de chegar com alguma coisa, fosse o que fosse, pra não fazer feio (numa dessas, até mesmo um solitário girassol que cismou de nascer em frente ao portão de entrada da Globo terminou virando reportagem...). Por isso, pedimos licença e fomos em frente. O velho hotel Rio de Janeiro revelou-se: lugar agradável, de simplicidade cativante, asséptico, “pois dá até pra comer no chão, de tão limpo que é”, exagerei, na matéria que terminamos fazendo. Ali se respirava história. O hotel de tábuas, todo colorido por dentro e por fora, guardava a beleza de sua época. Situado bem na entrada do Núcleo Bandeirante, era a hospedaria preferida dos comerciantes que vinham fazer negócios na capital. Entrevistamos um deles, um velho goiano sentado alegremente numa ca-

deira de spaghetti no alpendre ventilado, olhando o movimento da rua. Disse para nossa câmera que era fiel ao velho hotel há mais de 20 anos. Hospedava-se ali porque gostava do lugar e do tratamento. Não se sentia bem nos hotéis luxuosos do Setor Hoteleiro. Dava-se bem com a tranquilidade do hotelzinho construído no início da década de 60 para abrigar os hóspedes que viriam assistir à posse de Jânio Quadros, sucessor de Juscelino Kubitschek.

Lá dentro, encontramos, maravilhosos, móveis no estilo pé-de-palito, camas cuidadosamente arrumadas com uma caprichada dobra (tal como os esnobes fazem hoje com o cartão de visitas) na romântica colcha de retalhos. Paredes de madeira, quartos pintados de cores honestas, alegres: verde-água, amarelo-ovo, azul-celeste. Cheiro de lugar humilde mas bem cuidado. No fundo do corredor comprido, um filtro de barro com água fresca e uma garrafa térmica com café quentinho. Simplicidade. Aconchego.

Viajamos na maionese, eu e Múcio. Gastamos toda a fita que havia no estoque. Gravei passagens apaixonadas, enquanto o companheiro lembrava de aventuras vividas ali perto, no alvorecer da nova capital. Um resumo da nossa matéria terminou saindo no DF-TV do dia seguinte. O resto virou um belo Globo Comunidade, que entrou no ar

Adauto Cruz 25.10.99



A velha igreja dos candangos da Vila Planalto foi rejeitada até pelo padre

domingo de manhã. A reportagem terminava com a dona do Rio de Janeiro pedindo ajuda. O hotel estava ameaçado de despejo, pois o dono queria o terreno de volta. Cheguei até a sugerir, numa passagem, que, para preservar o Rio de Janeiro, bem que o governo poderia transformá-lo em hotel-escola.

Pouco tempo depois, ao passar pelo local indo fazer outra reportagem, o susto: do velho Rio de Janeiro restava apenas um amontoado de tábuas coloridas esparramadas pelo chão. O despejo se concretizara! O hotel, história viva de Brasília, viera abaixo. Os novos donos do terreno não tiveram dó. Não tive dúvidas: telefonei para a redação dizendo que a matéria para a qual tinha sido escalado podia esperar. Documentaria, isto sim, o desastre com o hotel que, naquela altura, já era de minha propriedade sentimental. Não lembro mais quem foi o cinegrafista, mas ele também entrou no clima. Fizemos uma matéria indignada. Gravei uma

passagem em cima das tábuas, mostrando a desolação pela perda de uma fatia importante da memória da cidade. Pedi à redação que resgatasse do arquivo as imagens da matéria anterior, mostrando o Rio de Janeiro em toda a sua alegria, para reforçar o contraste com o monte de tábuas em que se transformara. No meio dos escombros, encontrei o molho de chaves do hotel, cada chave presa a um pedaço de tábua com o número do quarto. Retirei uma delas de lembrança. O resto juntei, e me dirigi ao Serviço do Patrimônio Histórico, que na época funcionava ali no Museu Vivo da Memória Candanga, perto dos postos de gasolina do Núcleo Bandeirante. Tirei o crachá da Globo e, na qualidade de cidadão comum, entreguei o molho de chaves ao funcionário que me atendeu. Disse a ele que ali estava a prova da falta de cuidado com a memória da cidade. E que, se tivessem coragem, que exibissem aquele molho de chaves no museu como prova da

ineficiência do serviço. Fomos embora. Nunca mais vi aquele molho de chaves. Múcio, ao saber da história, tentou esconder. Mas vi uma lágrima furtiva nos olhos dele. Uma lágrima de raiva.

A mesma raiva que me veio outro dia, ao passar pela Vila Planalto e encontrar em escombros a velha e heróica igreja dos candangos pioneiros, devastada por um incêndio, com certeza criminoso, como há de provar a perícia. Dias antes, uma amiga me contara que havia a pretensão de derrubar a velha igreja para, em seu lugar, erguer um templo de alvenaria. Tudo com o apoio do vigário.

Não sei se alguém guardou o molho de chaves da igreja de tábuas, que deve ter resistido ao incêndio se não virou metal derretido no calor do fogaréu. Também, ah, não iria fazer diferença alguma. Afinal, um molho de chaves não significa nada, como ficou provado no episódio do Rio de Janeiro. Qualquer hora dessas eu, o Múcio e os outros companheiros que temos carinho pela cidade que nos acolheu haveremos de nos lembrar juntos dessas coisas e talvez chorar outras lágrimas de raiva. É o que nos resta a fazer, que diabo. No futuro, um guia turístico exibirá com orgulho para os visitantes um imponente templo de concreto e aço, de linhas arrojadas e futuristas, erguido naquele local. Ou mesmo um novo shopping center, quem sabe? Posso estar enganado, mas acho que os turistas não vão dar muita bola. Nem mesmo se alguém explicar a eles que naquele local, em passado próximo, as pessoas rezavam numa igreja velha e feia, destruída para dar espaço ao progresso.

As labaredas do futuro vão pouco a pouco revelando a fragilidade do tempo em que a memória da cidade era feita com alguns pregos, umas velhas tábuas e um tantinho assim de simplicidade e de ternura.

■ Paulo José Cunha é jornalista e professor